

A CRIANÇA: SUJEITO DO SEU DIZER

Marlete Sandra DIEDRICH

Universidade de Passo Fundo

Resumo: Investigar como a criança se constitui sujeito do seu dizer é nosso objetivo nesta pesquisa. Para tanto, elegemos as marcas enunciativas indicadoras do controle do dizer como objeto de análise de nossa investigação. Acreditamos que tais marcas, como as repetições, correções, paráfrases são capazes de apontar evidências acerca do processo de constituição da criança como sujeito da sua enunciação. Sendo assim, analisamos textos produzidos por crianças de 4 anos de idade no intuito de verificar a presença destas marcas e averiguar o papel por elas exercido na situação enunciativa em questão. Nesta análise, fundamentamos nossa investigação na Teoria da Enunciação, conforme concebida por Émile Benveniste, e no dispositivo enunciativo explicitado por Silva (2009).

1 INTRODUÇÃO

Discutir a constituição da criança em sujeito do seu dizer é tarefa fascinante, uma vez que estamos trabalhando com duas áreas que dialogam entre si: a aquisição da linguagem e a enunciação. O trabalho aqui apresentado é parte de um projeto maior, que objetiva descrever o processo enunciativo da linguagem da criança.

A enunciação em nosso trabalho filia-se à corrente benvenistiana: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1989, p.82). Trata-se, portanto, de um ato, constituído de um locutor que fala a um interlocutor e, em função disso, mobiliza a língua por sua conta. De posse dessa definição, perguntamo-nos: como a criança se constitui sujeito da sua enunciação? Que mecanismos a

habilitam a mobilizar a língua em situações enunciativas? E sua relação com o outro, como se dá? Que processos decorrem dessas relações?

Muitas dessas respostas encontramos em Silva (2009), pesquisadora que desenvolve estudos acerca da Aquisição da linguagem na perspectiva enunciativa a partir de princípios advindos da teoria de Benveniste.

Tomando conhecimento desses estudos, percebemos que muitas relações enunciativas estão imbricadas no processo de constituição da criança em sujeito do seu dizer. Assim, neste artigo, propusemo-nos a discutir as marcas enunciativas presentes no discurso da criança indicadoras da tentativa de esta, enquanto sujeito da enunciação, controlar o seu dizer, numa clara relação com a língua e com o outro da enunciação.

Por essa razão, ocupamo-nos, na fundamentação teórica, dos princípios da subjetividade e intersubjetividade, definidos por Benveniste. Também revemos o quadro enunciativo traçado por Silva (2009) na relação com o processo de aquisição da linguagem. Na sequência, analisamos um pequeno corpus constituído por falas de crianças de 4 anos de idade, para, por fim, tecermos algumas relações entre os dados observados e os fundamentos teóricos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ato enunciativo segundo Benveniste

Benveniste reconhece na enunciação o ato individual de utilização do sistema, o que garante espaço para a instância discursiva em seus estudos; entretanto, nunca de forma dicotômica, como vimos em Saussure, mas de maneira integralizadora. Isso talvez confunda especialistas e leitores de sua obra, afinal, ainda é surpreendente aos olhos de grande parte da comunidade científica que alguém possa trabalhar com posturas diferentes, sem que uma anule a outra. Benveniste faz isso: reafirma idéias de Saussure e baseia-se nelas para construir sua teoria da enunciação, não prevista pelo mestre.

Nessa teoria, reconhece o locutor como condição necessária da enunciação. Isso porque a enunciação é reconhecida como uso individual da língua, logo, ela só ocorrerá quando o locutor assim decidir. Sem locutor, não há enunciação. Nesse processo, o locutor recorre às diversas possibilidades que a língua enquanto sistema estruturado de formas lhe oferece e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos e de procedimentos acessórios.

A introdução do locutor na sua própria fala, portanto, é um dado constitutivo da enunciação. E sua presença na enunciação torna cada instância do discurso um centro de referência interno. Dessa forma, o locutor relaciona-se com sua enunciação.

O locutor tem, na Teoria da Enunciação de Benveniste, lugar de destaque, uma vez que a enunciação é definida pelo sujeito que diz EU. Entretanto, sua relação com a enunciação só é possível por meio do aparelho formal da enunciação. É quando faz uso desse aparelho que o locutor é capaz de realizar o ato enunciativo em si e se marcar no discurso. É a subjetividade afetando o sistema formal da língua, ideia central no trabalho que pretendemos desenvolver, já que nossa investigação se volta para as formas linguísticas capazes de marcar a inserção do sujeito que enuncia e seu esforço de negociação com a própria enunciação. Quando uma criança nasce e desenvolve sua capacidade de linguagem, ela o faz a partir de uma língua já existente e de um uso já consolidado, com o qual ela entra em contato por meio da enunciação. Acreditamos, então, que o que encontramos é uma criança que se torna sujeito do seu dizer num mundo em que seu dizer é, inicialmente, constituído pelo dizer do outro. Nesse contexto, as marcas enunciativas presentes no discurso da criança decorrentes de uma tentativa de esta monitorar seu dizer estão no escopo dos elementos constituintes do aparelho formal da enunciação, o qual, antes de o ser, revela-se, segundo Benveniste, como aparelho formal da língua. Tal questão, muitas vezes deixada de lado por quem trabalha com enunciação, neste artigo, parece-nos central e, por essa razão, nela nos deteremos um pouco mais.

Em O Aparelho formal da língua, Benveniste (1989, p.81) nos deixa a seguinte questão: temos dois aparelhos: um da língua, outro da enunciação? cremos que não. Ao dizer que a língua, antes da enunciação, não é mais que possibilidades, Benveniste elucida a grande questão, que, em nossa investigação da criança e sua linguagem, muito influencia nossa teorização. Ao nascer, a criança já encontra uma língua formada, com um sistema de formas plenas: o aparelho formal da língua. Trata-se, entretanto, de uma abstração, a qual só se concretiza no momento em que um sujeito decide tomar posse destas formas e construir, com elas, sentido, numa dada situação enunciativa. Evidencia-se, assim, o aparelho formal da enunciação, usado por um dado sujeito num dado tempo e espaço. Por meio dele o sentido é atualizado. Assim, podemos afirmar que a criança, a partir da vivência de atos enunciativos, apossa-se do aparelho formal da enunciação, o qual lhe é capaz de revelar e de auxiliá-la a construir a língua enquanto sistema. Vejamos um caso concreto: G., uma criança de 4 anos, chega em casa assustada e confidencia para a tia que viu um cão, enorme. A tia estranha o uso do vocábulo CÃO, uma vez que aparentemente não se fazia tão constante em sua fala como CACHORRO. Em função disso, a tia pergunta: Um cachorro, é? G, já sem paciência com a tia, responde: Não, eu te falei que era enorme, era um CÃO.

Percebemos, nesta cena linguajeira com G., que, a partir de atos enunciativos vivenciados diversas vezes, nos quais a forma CÃO sempre foi indicativa de aumentativo, o sujeito criança deduz que esta forma ocupa um lugar no sistema linguístico, e assim passa a usá-lo.

Fiorin (1996, p.15) diz ser o discurso o lugar da instabilidade das estruturas, onde se criam efeitos de sentido com a infringência ordenada às leis do sistema. Seguindo esse pressuposto, reiteramos a idéia do autor de que a enunciação não pode ser pensada apenas como a apropriação individual do sistema, uma vez que, perseguindo essa ideia, estaríamos concebendo a língua como realidade preexistente ao ato enunciativo. E parece não ser assim que os fatos se desenvolvem, uma vez que, a cada ato enunciativo, o indivíduo não só emprega a língua, mas desvela novas estruturas que passam também a constituí-la. Mas não podemos jamais entender essa instabilidade como

sinônimo de desorganização ou caos. Pelo contrário, os estudos enunciativos procuram mostrar que a instabilidade do discurso revela em cada ato uma ordem própria, que muitas vezes não condiz com a ordem apresentada anteriormente pelo sistema. E é neste processo enunciativo que a criança se insere.

Com essa compreensão, passamos, na sequência, a examinar a subjetividade e a intersubjetividade, conceitos fundamentais em nossa abordagem.

2.2 Subjetividade e intersubjetividade

Sem dúvida alguma, Benveniste foi o responsável por uma nova face dos estudos lingüísticos, uma vez que, colocando as estruturas lingüísticas no centro de seu trabalho, conseguiu desenvolver a noção de subjetividade, definida por ele como “a capacidade do locutor para se propor como *sujeito*”. (Benveniste, 2005, p.286). Com essa noção, encontramos inscritos na língua não apenas o sujeito da enunciação, mas também sua relação com o OUTRO, caracterizando, dessa forma, o que entendemos por intersubjetividade, a qual, na visão do autor, é constitutiva da linguagem.

Por essa razão, vemos na Teoria da Enunciação de Benveniste pressupostos teóricos bastante produtivos para a análise dos fenômenos que nos interessam neste trabalho: a instauração do EU, como origem da enunciação, e do TU, como destino da enunciação, por meio de elementos lingüísticos marcados na produção do enunciado. Com interesse central na instauração dessas duas figuras, procuramos descrever a que estruturas lingüísticas se recorre, no interior do texto analisado, para a criação de uma imagem de locutor “que se diz EU”, e de seu interlocutor; em outras palavras, procuramos encontrar o homem na língua por meio da análise de fatores de subjetividade que explicitem não apenas o sujeito da enunciação, mas, por meio deste, também o OUTRO envolvido “no processo de troca que remete a experiência humana inscrita na linguagem.”(Benveniste, 1989, p.80). A intersubjetividade, para Benveniste, é constitutiva da linguagem, assim como

também o é a subjetividade, ou seja, no momento em que admitimos a existência de linguagem estamos também admitindo a intersubjetividade, já que, como forma de discurso, a enunciação dispõe de duas figuras na posição de parceiros, os quais são alternadamente protagonistas da enunciação.

Silva (2009, p. 164) afirma que a intersubjetividade, no discurso da criança, marca a relação adulto/criança, uma vez que a criança já nasce num mundo simbolicamente organizado. Sua apropriação desse sistema simbólico se dá na relação com o OUTRO, o que constitui a intersubjetividade, e com a própria enunciação.

E neste jogo faz-se necessário haver uma negociação no que diz respeito à construção do sentido pretendido por meio da enunciação, a qual, sempre, caracteriza-se como singular e irrepetível, já que cada ato enunciativo é único, o que aponta para as atividades de monitoramento do dizer, nosso objeto de análise neste artigo.

Na sequência desta fundamentação teórica, apresentamos o dispositivo enunciativo conforme explorado em Silva (2009).

2.3 O dispositivo enunciativo (eu-tu/ele) – ELE

Conforme já explicitado anteriormente, a subjetividade e a intersubjetividade implicam sujeitos em relação dialógica eu-tu, o que, na Aquisição da Linguagem aponta para a conjunção criança/outro. Esses mesmos sujeitos também revelam relação de disjunção: eu/tu, em que a criança se distingue do tu enquanto eu da enunciação. Encontramos ainda o estabelecimento da relação mundo/discurso, em que operações de semantização da língua ocorrem com a entrada da criança no semiótico: (eu-tu)/ele, em que ele representa a língua, a não- pessoa. Tais relações são descritas por Silva (2009, p. 221) num quadro nomeado como quadro das relações enunciativas diádicas eu-tu, eu/tu e (eu-tu/ele), por meio do qual a autora explicita o processo pelo qual a criança opera a conversão do discurso em língua e da língua em discurso, constituindo-se sujeito do seu dizer num relação com o outro da enunciação e com a própria língua.

O estudo de Silva encontra sua completude num segundo quadro (p. 222), no qual são explicitadas duas relações trinitárias. A primeira dessas relações, eu-tu/ele consolida a estrutura enunciativa, uma vez que a criança se reconhece como locutor e vê no tu o alocutário no diálogo. Nessa mesma relação, a criança reconhece a língua como possibilidade de atualização no discurso. A segunda relação exposta no quadro, (eu-tu/ele)-ELE, aponta para a operação de semiotização em que a criança configura a relação língua-discurso, consituindo a faculdade simbolizante da linguagem e o fundamento da abstração. Para isso, vale-se de diferentes formas e mecanismos da língua, integrantes da cultura, no intuito de enunciar sua posição de locutor na enunciação e produzir referências no discurso.

Encontramos nestas relações propostas pela autora a possibilidade de discutir os mecanismos de monitoramento do dizer usados pela criança, desde cedo, pois cremos que é por meio das relações de disjunção e conjunção estabelecidas com o outro que a criança toma posse do seu dizer, assim como na relação língua-discurso, revela-se capaz de atualizar sentidos, o que, segundo a autora, confirma as palavras de Benveniste (1989, p. 19): “todo homem inventa a sua língua e a inventa durante toda a sua vida.”

Com esse pensamento, ocupamo-nos agora dos processos de monitoramento do dizer, na tentativa de descrevê-las como mecanismo enunciativo revelador das relações expostas até aqui.

2.4 Processos de monitoramento do dizer

O estudo acerca dos processos de monitoramento do discurso falado, conforme desenvolvido pelos estudiosos da Análise da Conversação, leva em conta o caráter processual e interacional da enunciação falada: a formulação do texto falado é simultânea ao seu planejamento, o que concorre para o surgimento de inúmeras marcas enunciativas denunciadoras de um certo controle do dizer por parte de quem fala: correções, paráfrases, repetições, marcadores de atenuação, marcadores de interação, etc. Isso tudo revela a busca da intercompreensão por parte de quem fala. Nosso interesse pelo

fenômeno nasceu justamente no momento em que realizávamos estudos acerca da construção do texto falado. Entretanto, neste artigo, nosso enfoque é outro: procuramos relacionar o fenômeno ao dispositivo enunciativo explicitado por Silva, na busca de compreendê-lo como mecanismo lingüístico-enunciativo.

O dispositivo enunciativo abordado por Silva (2009) permite ver no processo de monitoramento do discurso uma íntima relação com o ato de apropriação da língua pelo sujeito que se enuncia, no caso, a criança: trata-se do *eu* se constituindo como sujeito do seu dizer, mas sem antes, levar em conta a presença e necessidade de um *tu*. Além disso, é possível perceber uma clara negociação com a língua – ele – na busca da atualização de sentidos no aqui e agora da enunciação, o que nos obriga a olhar também para o sistema cultural inerente ao *eu* e ao *tu*: o ELE, que, embora não explícito no fio do discurso, faz-se presente de forma constitutiva.

Assim, as atividades de monitoramento são tomadas como elementos que instanciam um sentido particular no discurso, através da relação intersubjetiva. Podem ser descritas a partir das relações enunciativas a seguir:

- eu-tu: ao monitorar o seu dizer na relação com o tu, a criança constitui uma realidade mútua com o outro, enquanto se criança se constitui como pessoa, preenchendo um lugar na estrutura enunciativa ;
- eu/tu: os processos de monitoramento do dizer apontam também para a exterioridade do eu em relação ao tu; o monitoramento, assim, é visto como mecanismo necessário frente ao outro.

Sem dúvida alguma, trata-se de relações com a língua e com a sua atualização em discurso. Por essa razão, implicam um ele, o qual é vislumbrado nas relações trinitárias:

- eu-tu/ele, em que a criança reconhece seu lugar enunciativo enquanto eu sobre o tu e vê a necessidade de monitorar o que diz.

Apesar de reconhecermos que todas essas relações encontram-se imbricadas na constituição do processo de monitoramento do dizer da criança, vemos na relação trinitária a seguir a explicitação completa do processo e, portanto, destacada neste trabalho:

- (eu-tu)/ele: no jogo enunciativo de relações, a instância do discurso revela-se como presença em relação à instância da língua, ausente. A criança, portanto, por meio do monitoramento do seu dizer, numa clara tentativa de construção conjunta de sentidos, estabelece a relação mundo/discurso.

Estas relações serão detalhadas a seguir, a partir da análise de alguns segmentos produzidos por uma criança em situação enunciativa.

2.5 O monitoramento do dizer no discurso da criança

Os segmentos que seguem fazem parte de um corpus de pesquisa constituído para a investigação

O segmento 1 foi produzido por C. quando ela estava com 4 anos, numa relação de comunicação com a entrevistadora que regularmente frequentava a escolinha para manter diálogos com a criança acerca de eventos ocorridos em sua rotina:

Segmento 1

o irmão do Matias que que é pequenininho
 mas ele não é da nossa
 ele é da turma lá de cima daqui de cima e eu sou da turma de baixo
 então né aí...que também ele tá com catapora

Nesta situação, o sujeito criança relata o caso de um outro menino que está com catapora. Na tentativa de atualizar o sentido, investe na especificação de quem é o menino em questão. Entretanto, este investimento ocupa de tal forma o fio do seu discurso que ela se vê impelida a monitorar o próprio dizer, uma vez que o sentido pretendido na relação com o outro pode ter sido comprometido. C. marca este monitoramento por meio da expressão “então né aí”, a qual revela no fio do discurso o fechamento da informação especificadora acerca do menino, construtora de referência, e marca a continuidade do sintagma oracional revelador da informação nova: o menino está com catapora. Esta construção permite-nos pensar na relação trinitária (eu-tu)/ele. Neste

segmento, temos um sujeito que produz estruturas enunciativas para falar de e possibilitar ao outro da enunciação a co-referência. A intersubjetividade, nesse contexto, exerce forte influência, sendo a língua (ele) o recurso que possibilita ao sujeito sua representação. O processo de monitoramento marcado no discurso aponta para esse duplo relacionamento: *eu e tu* e *eu e ele*, em que ele representa a língua.

No segmento 2, B, uma outra criança, também com 4 anos, em conversa com sua mãe produz a seguinte formulação:

Segmento 2

. mãe... eu tô com fome... quero manga ... não de camisa... aquela de comê

Percebemos claramente que a criança de 4 anos, nesta situação de interação com a mãe, se marca, primeiramente, na linearidade de seu discurso, como o sujeito do seu dizer. No momento em que tece comentários metaenunciativos, o sujeito se revela como o outro que se pronuncia sobre o dizer anterior. Com isso, marca uma dupla enunciação: o processo de monitoramento verbalizado em “não de camisa...aquela de comê” caracteriza a modalização autonímica: uma forma estritamente reflexiva, correspondendo, no quadro de um ato único da enunciação do dizer, ao desdobramento de um elemento por um comentário “simultâneo” desse dizer. Trata-se, portanto, do reconhecimento, por parte do sujeito da necessidade de atualizar o sentido da palavra “manga”, investindo em representações linguísticas capazes de criar uma imagem de homogeneidade enunciativa que garanta o sucesso da enunciação na relação intersubjetiva pretendida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações aqui apresentadas estão distantes do que se poderia pensar serem “considerações finais”. Na verdade, constituem afirmações iniciais num processo de investigação que pretende promover muitos outros questionamentos, análises e respostas. No entanto, por ora, precisamos colocar um ponto final neste artigo. E, ao fazê-lo, afirmamos que os processos de monitoramento presentes no discurso da criança apontam para a sua relação com o outro (tu) e com a língua (ele), sob influência do ELE, o que sugere uma permanente negociação na construção do sentido por parte do sujeito do dizer.

Referências bibliográficas

BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.

SILVA, C.L.C. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.